

## **Microcefalia não está relacionada à vacina vencida**

**São Paulo, 12 de fevereiro de 2016.**

Alguns boatos estão sendo disseminados em redes sociais a respeito da microcefalia. A informação errônea é de que a doença seria causada por um lote vencido de vacina contra rubéola aplicado em gestantes no Nordeste. No entanto, essa informação foi desmentida pelo Ministério da Saúde, já que a vacina contra rubéola não é aplicada em gestantes.

De acordo com a nota do Ministério da Saúde, a vacina contra rubéola, que aparece na forma da tríplice ou quádrupla viral, é administrada em crianças com 12 e 15 meses de idade e em adolescentes e adultos que não foram vacinados na infância, não em mulheres gestantes.

Não há registros de que vacinas contra a rubéola tenham sido utilizadas após o vencimento no País. Ao contrário. A vacinação contra a rubéola é motivo de orgulho para o Brasil, que já recebeu da Organização Mundial de Saúde um certificado, considerando a doença oficialmente eliminada do nosso território.

### **Consequências dos boatos**

Situação semelhante ocorreu em 1998, nos Estados Unidos, com boatos que relacionavam a vacina tríplice viral (contra sarampo, caxumba e rubéola) com o autismo, conforme texto abaixo publicado pelo Conselho Federal de Medicina em 29 de julho de 2011.

As informações trouxeram graves consequências para a saúde pública no mundo, já que parte da população, por receio, deixou de tomar a vacina tríplice viral e o resultado foi a volta do sarampo, que deixou de ser endêmico e voltou a causar mortes.

Para evitar esse tipo de consequência, o CRF-SP alerta aos farmacêuticos para estarem atentos às estratégias do Ministério da Saúde e somente repassarem informações com embasamento científico, afinal trata-se de agir com responsabilidade para preservar a saúde pública e contribuir para que a população tenha acesso às informações corretas.

### **Relação da vacina tríplice viral com autismo (Caso nos EUA em 1998)**

“Em fevereiro de 1998, foi publicado na revista The Lancet, artigo da autoria do então médico Andrew Wakefield e outros 12 autores, que relatava uma possível associação entre a vacina tríplice viral (contra sarampo, caxumba e rubéola) ou MMR (sigla inglesa de Measles, Mumps and Rubella) e o aparecimento de autismo regressivo e doença inflamatória intestinal em crianças. No artigo foram descritos 12 casos de crianças que tiveram estes diagnósticos após 6 a 14 dias do uso da vacina.

Embora vários estudos em outros países, envolvendo enormes casuísticas, não tenham comprovado esta associação, a publicidade dada ao fato estimulada pelo próprio Wakefield, trouxe graves consequências para a saúde pública em todo o mundo.

A repercussão do estudo fez cair de 93% para 72% a cobertura vacinal para sarampo, caxumba e rubéola na Inglaterra, tendo como consequência o retorno do sarampo que voltou a ser endêmico e voltaram a ocorrer mortes de crianças decorrentes desta doença. Estão ocorrendo surtos e mortes na Alemanha e outros locais da Europa, assim como surtos no Canadá, Estados Unidos, Austrália e outros países. Vários outros problemas relacionados à desconfiança nas vacinas ocorrem em todo o mundo e são mais sentidos na Europa, onde mesmo os profissionais de saúde evitam participar de campanhas vacinais.

Seis anos após a citada publicação no The Lancet vieram a público as primeiras publicações do repórter investigativo inglês Deer Brian, onde conflitos de interesse e condutas antiéticas foram descritas: Wakefield havia sido contratado dois anos antes da publicação do estudo e antes das crianças estudadas terem sido referenciadas ao hospital, pelo advogado Richard Barr, como consultor em processos contra fabricantes da MMR; evidencia documental de que Wakefield fez solicitação de patente para uma vacina “segura contra o sarampo”, antes da publicação do estudo; problemas metodológicos envolvendo a pesquisa, como a constituição do grupo controle com crianças selecionadas na festa de aniversário do filho do então médico, tendo sido pagas para isto com £5.00 pelo desconforto causado.

Após estas revelações iniciais, em 2004 a revista The Lancet publicou uma declaração de dez dos doze autores do estudo, na qual esclarecem que em nenhum momento foi estabelecida relação entre autismo e uso da MMR, uma vez que os dados não eram suficientes para sustentar esta afirmação.

Em 24/05/2010 o General Medical Council do Reino Unido, órgão com funções de regulamentar e fiscalizar a medicina e fazer o registro dos médicos, semelhante ao Conselho Federal de Medicina no Brasil, após investigação do chamado “escândalo da MMR”, decidiu cassar o registro médico do Dr. Andrew Wakefield, devido à gravidade dos fatos apurados e por considerar que o médico causou danos aos pacientes participantes da pesquisa, à medicina e à saúde pública. Foi comprovado que o estudo realizado não foi o mesmo aprovado pelo Comitê de Ética do Royal Free Hospital; ocorreu viés de seleção dos pacientes, uma vez que não foi seguido o protocolo proposto e houve participação direta do autor na seleção destes; foram desrespeitados os princípios de proteção às crianças vulneráveis com a utilização de, métodos invasivos de investigação, como coleta de líquido sem indicação clínica; além de não ter sido comunicado pelos autores à revista The Lancet qualquer conflito de interesses, quando estes ficaram provados na apuração.

Cinco dias após a publicação da decisão do General Medical Council a revista The Lancet publicou uma retratação e o artigo embora ainda esteja visível no

sítio da revista ([http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(97\)11096-0/abstract](http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(97)11096-0/abstract)), apresenta uma tarja vermelha escrito recolhido.

Já neste ano de 2011 outros fatos vieram à tona no British Medical Journal que publicou seqüência de artigos do jornalista Deer Brian que descobriu que os dados que foram publicados foram fabricados numa escola de medicina de Londres.

O jornalista teve acesso aos autos do processo, uma vez que no Reino Unido o processo não corre em sigilo, como no Brasil. Foram confrontados os dados contidos nos prontuários dos pacientes com os dados relatados no artigo e encontradas graves discrepâncias: a presença de irmãos entre os casos; diferença no tempo descrito no estudo e o registrado nos prontuários, entre a utilização da MMR e o aparecimento dos sintomas; muitos dos pacientes eram de famílias litigantes contra a indústria farmacêutica; alguns dos participantes do estudo já tinham diagnóstico de autismo e doença inflamatória intestinal, mesmo antes do uso da vacina.

A confiança nas vacinas vem sendo construída desde o final de século dezoito (quando Jenner descobriu a vacina contra varíola) e tem propiciado a erradicação e controle de algumas doenças de elevada morbidade e mortalidade, como varíola, poliomielite, sarampo, tétano, difteria entre outras. Porém a conduta insensível, irresponsável, antiética e mercantilista de um único médico, já trouxe um retrocesso nesta história de sucesso ao fornecer munição a grupos antivacínistas de todo o mundo e fomentar a desconfiança da população não só na vacina tríplice viral (MMR), como nas vacinas de uma forma geral.

\* Ceuci de Lima Xavier Nunes é conselheira federal suplente pelo estado da Bahia”. [clique e confira o artigo](#)

**Thais Noronha** (com informações dra. Amouni Mourad, assessora técnica do CRF-SP)

Assessoria de Comunicação CRF-SP